

# SOL

## nascente



Publica-se  
a um e quinze  
de cada mês

Mínimo de assi-  
natura: 5 núme-  
ros, 5 escudos.  
(Pagamento  
adiantado)

Visado pela  
Comissão de  
Censura

quinzenário cultural de literatura e crítica

### de SOL a SOL

(continuação da pág. doze)

duma existência serena, equi-  
librada, bela na sua luta con-  
tra o que luta merece, e du-  
ma outra, a nossa, perturba-  
da, angustiosa, indefinível, a  
pesar sobre nós o espectro do  
amanhã...

#### A moral das discussões

E' tão velha como comesi-  
nha a sentença que afirma  
nascer a luz da discussão. To-  
dos a ouvimos empregar e to-  
dos nós, amárbes das mani-  
festações livres do espírito, lhe  
damos um sentido que a exalta,  
a eleva—lhe propõe um  
significado ainda mais vasto  
e profundo. E' um otimismo  
sadio a que se desprende dessa  
sentença, na qual se vê a afir-  
mação de que, num salutar  
equilíbrio, a verdade esclare-  
cedora pode brotar do torneio  
de ideias a que, talvez como  
aos jogos de frases galantes  
nas idades medievais, muitos  
homens de hoje costumam  
entregar-se. E' bom que a sen-  
tença afirme um tão benéfico,  
salutar e mesmo surpreen-  
dente resultado! Mas não es-  
queçamos a moral das discus-  
sões, não nos importe que  
saíamos vencidos da pugna  
das ideias. Nós se levamos  
para a discussão o desejo de  
esclarecimento, a esse fim su-  
premo devemos ceder tudo,  
porque é clareza que real-  
mente queremos colher e não,  
apenas, mais confusão, mais  
desordem e perturbação. Que  
um princípio básico nos orien-  
te e que esse não seja o de  
triumfo, o de vencer, o de per-  
der e enquistar o adversário:  
que seja simplesmente o de  
em frente a nós ver brotar  
mais uma luz, humilde e sua-  
ve que seja, uma pálida luz  
de verdade!

## DAQUI E DALI...

### Contentamento americano

Que cada povo prossiga no seu  
destino. Há-os felizes com a es-  
pingarda, como os há alegres com  
o arado. A glória dos primeiros  
consiste em dominar para, em se-  
guida, disfrutar os benefícios des-  
se domínio, que costuma servir-se  
do esforço alheio e, sempre, tir-  
rar engenhosamente o ouro dos  
outros. A glória dos últimos con-  
siste em trabalhar para recolher  
os frutos do próprio grangeio.  
Por vezes diz-se que os proble-  
mas americanos são distintos dos  
europeus. Que a paz é um novo  
luxo americano, um produto indí-  
gena que não se dá nas terras  
exaustas da Europa. E' possível,  
mas isto não basta, de modo ne-  
nhum, para que troquemos os  
frutos genuínos pelos preparados  
sintéticos. Se os últimos são o re-  
sultado preferido pela civilização  
técnica, os primeiros constituem  
a essência da cultura.

(Nosotros, Buenos Aires—Fran-  
cisco P. Laplaza, Agosto—1937).

### Sobre Zola e a sua bio- grafia — que Mann ce- nentemente escreveu

A mensagem de Zola resume-se  
vigorosamente numa frase cita-  
da por Mann: «Uma vez que so-  
mos a verdade, somos a moral.»  
Esta té justifica as brutalidades  
do artista; explica a sua confian-  
ça na democracia e, quando a viu  
ameaçada, a sua entrada na bata-  
lha. Os quatro primeiros capítu-  
los de Zola são dum crítico pers-  
picaz e generoso; os dois últimos,  
consagrados ao papel de Zola du-  
rante e após o Affaire, são dum  
grande romancista que revive in-  
tensamente a carreira do seu he-  
roi.

«Lutava, portanto engrandecia-  
se»: dizendo isso de Zola, pensa-  
ria Henrique de Mann que o re-  
petiríamos hoje a seu respeito?  
Aprecio o emprêgo que faz da  
primeira pessoa do plural, quando  
opõe à «separação do conjunto e  
do definitivo» que caracteriza o

político, as exigências do escri-  
tor que milita por uma causa no-  
bre: «A acção para que fomos  
criados devia poder ser compos-  
ta como uma obra e ter o valor  
simbólico duma obra.» Não pode-  
ria reivindicar-se com mais  
perfeita dignidade os direitos e  
deveres do artista no domínio da  
acção.

(René Lalou, de «Nouvelles Lit-  
téraires», Paris, 13-11).

### Realidade japonesa

Embora os círculos dos negó-  
cios se mostrem ansiosos por  
assimilar aquilo que foi já con-  
quistado, na China, de preferên-  
cia a correr o risco de perder tu-  
do, no afundamento da economia  
nacional, à vista da nova guerra,  
os pequenos proprietários, dos  
quais muitos dos filhos servem  
no exército, e também muitos dos  
kulaks, pequenos industriais e co-  
merciantes, cujos filhos conse-  
guiram entrar no exército, como  
oficiais, desde o «Acto dos Volun-  
tários», de 1927, não podem ter  
vistas idênticas sobre a situação.  
A sua posição económica é deses-  
perada demais para poderem ver  
com serenidade o resultado final  
da agressão militar que será a  
inflação. Não só muitos oficiais  
perderiam a sua situação e mu-  
ltos outros moços a perspectiva de  
promoção, como a perderiam até  
funcionários, nos territórios recém-  
conquistados. Seria ainda a  
banquerota para os seus  
parentes, caso os preços da seda  
ou do arroz descessem ou tam-  
bém poderiam todos ser vítimas  
de uma revolução agrária, se os  
camponeses não mais iludidos  
pela miragem da prosperidade,

através da conquista estrangeira,  
se revoltassem contra os seus  
proprietários e usurários. Por ou-  
tras palavras: o Japão não pode  
fazer alto sem uma crise e uma  
reforma agrária, ou sem uma re-  
volução. Da mesma forma, não  
pode parar, sem se arriscar a  
furar o espantelho da inflação,  
com a ruína de centenas de milhar  
de pequenos comerciantes e in-  
dustriais...

Os proprietários de terras e os  
militares consideram a agressão  
o único meio de manter a sua  
existência material e o seu pres-  
tígio político.

(De Freda Utley, Nova York,  
por transcrição de Intelligência).

### O malogro da Confe- rência de Bruxelas

Os Estados Unidos nos quais  
tamanhamente certos observado-  
res confiaram, constituíram au-  
têntica desilusão. Não só a gene-  
ralidade da sua opinião pública  
manifesta acentuada atitude de  
reserva, relativamente a qualquer  
forma de cooperação internacio-  
nal, mas certos sectores políticos  
desencadearam já viva campanha,  
combatendo as intenções manifes-  
tadas no discurso de Chicago pelo  
Presidente Roosevelt.

Tudo se cifra pois em doutrina,  
declarações de princípios, conse-  
lhos morais. E a força não se  
detem diante destas sebes... Nem  
Washington, nem os demais Go-  
vernos interessados nos negócios  
da A'sia lançarão na engrenagem  
extremo-oriental mais que o so-  
pro do verbo.

(O Primeiro de Janeiro, Porto  
—Novembro—1937).

### elenco de colaboradores

Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Alberto Lima, Alberto  
Serpa, Alice, Alves Costa, Álvaro Salema, Alves Redol, António Gameiro,  
António Marinho Dias, António Sergio, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de  
Sousa Estrada, Castelo Branco Chaver, Cláudio Revel, Correia de Sousa, Eduar-  
do Braga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Fran-  
cisco Quintal, Frederico Navarro, Hernâni Cidade, Jaime Brasil, Jaime Cirne,  
João Alberto, João Falco, José Régio, Julião Quintinha, Lúis de Sanjusto, Ly-  
gia, M. Teixeira Gomes, Mar a Arher, Mando Martins, Manuel Filipe, Maria  
Raquel, Mário Dionísio, Miguel Torga, Nuno Simões, Paulo Bragança, Runo Fraga,  
Sant'Ana Dionísio, Severo Portela, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama  
Fernandes, Vinha dos Santos, etc.